

Na Montanha de Xangô

© 2023 — Sérgio Navarro Teixeira

Na Montanha de Xangô

Sérgio Navarro Teixeira

Todos os direitos desta edição
reservados à

CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira

Marques CEP 13485-150 — Limeira — SP

Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos
autorais, é proibida a reprodução total ou par-
cial, de qualquer forma ou por qualquer meio
— eletrônico ou mecânico, inclusive por pro-
cessos xerográficos, de fotocópia e de grava-
ção — sem permissão, por escrito, do editor.

Revisão: Mariléa de Castro

Ilustrações: Bruna Paes

Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho

ISBN 978-65-5727-160-5 — 1ª Edição - 2023

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA



Impresso na

Primeira Leitura

a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Teixeira, Sérgio Navarro
Na Montanha de Xangô / Sérgio Navarro Teixeira –
Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2023.
86 p. il.

ISBN: 978-65-5727-160-5

1. Umbanda 2. Rituais I. Título

23-

CDD – 133.93

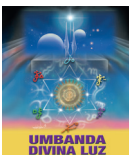
Índices para catálogo sistemático:

1.

Sérgio Navarro Teixeira

Na Montanha de Xangô

1ª edição
2023



Sumário

Apresentação	7
No calor da fogueira	15
Trilha na floresta	38
Nas águas do rio	53
Perseguindo a montanha	67
Anexos	82



Apresentação

Salve, meus irmãos de fé!

Aprendemos com Caboclo Mirim que todo médium vive etapas na sua caminhada de autoconhecimento. Ou seja, ninguém vem pronto, e nenhum de nós deve ir além dos limites estabelecidos nesse processo, para sua própria segurança! Cada fase na Umbanda é uma escola que se apresenta desde nossa INICIAÇÃO, nos abrindo um universo de descobertas e possibilidades. Mas Mirim também advertia que, com pressa, o homem nunca deixará de estar no mesmo ponto de partida! É preciso tempo e paciência, um aprendizado indispensável, e que nos amadurece, permitindo assumirmos maiores responsabilidades. É comum o DESÂNIMO nesta fase da “Escola da Vida”, porque muitos se sentem reprimidos ou limitados em seu potencial agora desabrochado.

Tenha isso em mente ao ler nosso novo trabalho, querido irmão!

A jornada de João, Carlinhos, Bia, Cláudio e amigos tem um pouquinho de cada um de nós, e de mim, já que fui buscar nas minhas experiências pessoais, lá nos idos dos anos 80/90, a caracterização dos personagens e situações que ilustraram nossa história aqui. Comecei com lembranças, mas sei que não caminhei sozinho em mais essa experiência como escritor, então, imagino que muitos vão reconhecer a sabedoria dos nossos caboclos e pretos-velhos ali, nas entrelinhas.

Curtam a trilha e a paisagem sem perder a atenção nas

pedras do caminho. Se alguns se perdem por não confiar na própria escola, muitos são os que vivem a umbanda com simplicidade, disciplina e boa vontade, encontrando o que realmente interessa, muito além de uma “letra no braço”...

Sergio Navarro Teixeira.



Chegamos ao final de mais uma Gira de Umbanda! Como eu estava feliz! Estivemos juntos o dia inteiro, desde cedo: pegamos estrada, limpamos o local e curtimos um almoço comunitário antes da Gira. Mas mesmo agora, quase nove da noite, ao final do nosso ritual, ainda éramos só alegria! Não que outras sessões não nos deixem também com a alma leve, mas essa era especial, talvez porque não era na tenda, nosso templo abençoado no bairro de São Cristóvão, no Rio. Era um encontro anual que reunia duas tendas coirmãs, e alguns convidados, para louvar o sagrado e confraternizar num lindo espaço coberto construído no sítio do nosso dirigente, o C.C.T. Tadeu (C.C.T. significa “Comandante Chefe de Terreiro” – é o sétimo grau da nossa hierarquia, o equivalente ao “Babalorixá” na umbanda).

Essa gira é realizada aqui todo mês de janeiro, exatamente como fazemos na tenda, onde continuamos a seguir a doutrina deixada por Caboclo Mirim. Aliás, no passado nossa tenda era considerada uma das filiais da Tenda Mirim, a Casa comandada pelo inesquecível Caboclo Mirim, também lá na

cidade do Rio. Mas, no sítio, tudo parece ter um “tempero” próprio, talvez pela natureza que nos envolve, ou porque estejamos juntos de outros irmãos de uma raiz de umbanda um pouco diferente.

É a minha primeira vez no sítio! Estou na tenda há quase nove anos, mas nunca conseguia vir, seja por motivo de saúde, seja porque trabalhava em regime de plantão num hospital. Mas neste ano, consegui marcar minhas férias em janeiro, porque não queria perder essa experiência, por nada desse mundo! Este ano, além dos carros dos próprios médiuns que vieram em caravana, veio um ônibus, numa viagem de quase duas horas. Devia ter umas cinquenta pessoas de roupa branca, em perfeita harmonia!

Eu vim de carona com meu amigo e irmão de fé Cláudio Roberto, seis anos de tenda e já no quarto grau, dentro da hierarquia. Cláudio impõe respeito só de olhar, já que é um cara parrudo, bem de acordo com um praticante de judô há anos. Dono de uma voz grave, se aproveita disso para me zoar: quando me encontra, só chega exclamando alto “Faaala, chefe!!”, sabendo que vou me encolher de vergonha...

– Rapaz...Quem tem chefe é índio! Tenho cara de cacique? – Tento amenizar, mas claro que tudo é brincadeira entre amigos.

Aprendi que na Umbanda de Mirim os graus¹ são uma referência, demonstram a “escola” que o médium está vivenciando, o seu grau de maturidade e intimidade com os próprios guias espirituais. Na organização dos trabalhos na tenda, todos são importantes e se complementam. Cada um contribui com aquilo que pode, sem comprometer sua saúde, seu equilíbrio pessoal e a própria coletividade. Acredito que, se o comando espiritual da tenda confiou em mim para atuar como um chefe-de-terreiro, médium de quinto grau, deve ser porque me conhecem há nove anos e sentem que estou correspondendo às responsabilidades de vibrar espiritualmente com um Abaré^[1], uma entidade que irradia uma luz característica dentro das diversas funções da grande equipe astral da egrégora da umbanda. Mas, voltando ao Cláudio:

[1] Ver Anexo p. 80.

– Vou te agradecer... faaala cacique João! – e me lascou um tapa nas costas – Vamos pra fila do jantar?

– Daqui a pouco... deixa esvaziar mais. A tia fez um panelão de comida lá no fogão a lenha, você viu?

Entrando “de sola” na conversa, chega nosso irmão Carlos Alberto, o “Carlinhos”:

– O Cláudio ainda te chama de chefe, João? Se ele ficar levando muito à sério essa hierarquia, vai acabar empacando nesse quarto grau...

Eu e o Carlinhos entramos juntos na tenda, e ambos estamos no quinto grau. Mas os cabelos brancos entregam que ele é mais velho que eu, acho que uns dez anos, já que tenho trinta e seis. Ele continuou:

– Já reparou onde tá sentando o Comandante, lá na fogueira? Vou pra lá agora...é preciso se fazer perceber, num ambiente com tanta gente. Enquanto vocês ficam de papo furado aí, vou investir na minha promoção na tenda...

Realmente, o CCT Tadeu já estava comendo, sentado e conversando descontraidamente na grande roda em torno de uma fogueira, ao ar livre. Ali há o que restou do tronco de uma velha mangueira que caiu há anos, cortado e arrumado de forma a permitir que todos se acomodem ao redor do fogo. Está uma deliciosa noite de verão, uma brisa agradável sob um céu estrelado. E não é que o Carlinhos arrumou um jeito de se infiltrar no papo dos mais antigos, próximo ao comandante?

Bia, que estava perto da gente e ouviu Carlinhos, não resistiu e comentou:

– Esse magrinho aí é um puxa-saco, hein? Detesto gente assim...aff!

Bia é da tenda de umbanda do Caboclo Roxo, aquela casa coirmã dirigida por Pai Thiago, que confraterniza com a gente no sítio, todos os anos. Tem um sorriso lindo... que logo apareceu naquele rostinho mulato. Deve ter uns vinte e cinco anos, e sei que ainda é universitária. Bia veio com seus pais, no ônibus fretado. Aliás, seus pais são bem ativos lá na Tenda do Caboclo Roxo...acho que estão lá desde a fundação, e hoje são médiuns de Abarés-Guassús^[2], de total confiança de Pai

[2] Ver Anexo p. 80.

Thiago. Ela continuou:

– Teu pai-de-santo dá corda pra gente assim? O meu não tem paciência com isso...

– Bia – interveio Cláudio – acho que seu Tadeu é malandro... dá corda pra gente metida a esperta se enrolar sozinho. Acho que o Carlinhos não engana ninguém. Aliás, já ouviu ele falando que suas entidades têm missão e querem casa? Já quer ser dono do próprio terreiro. Acredita, João?

– Esse é o Carlinhos! Não me parece má pessoa, mas como é muito estudioso, acho que isso subiu à cabeça. Tem gente que pensa que a Umbanda é técnica, uma série de procedimentos e rituais que se seguidos passo a passo, fazem as coisas acontecerem.

– Se eu fosse seu pai-de-santo, já tinha botado esse aí pra correr – seguiu Bia – Não demora e vai sair da tenda, cuspidno no prato que comeu...

– O seu Tadeu não gosta de ser chamado de pai-de-santo – emendei, aproveitando para segurar a Bia por ali entre a gente.

– Ué? – se surpreendeu Bia – seu Tadeu não é irmão de sangue de Pai Thiago? Por que um é “pai-de-santo” e o outro “comandante”? Ambos não são sacerdotes?

Bem... até gostei da dúvida da Bia, porque assim o papo ia continuar enquanto íamos nos aproximando da reunião em torno da fogueira. Nesse caminho, contei um pouco dessa história que eu já conhecia...

Focando apenas na aparência, fica difícil dizer que são mesmo irmãos de sangue. Seu Tadeu é o mais velho, com 68 anos. É também mais baixo, mais negro e mais fofinho que seu irmão. A idade fica realçada pela cabeça quase careca e uma bem aparada barba branquinha. Já o sorridente Pai Thiago está com 57 anos, e é um negro mais claro. Vaidoso com a aparência, gosta de manter a forma e um visual *clean*, com barba sempre feita e cabelo cortado à máquina. A mãe deles, a CCT Zita, foi comandante da tenda quando esta era afiliada da Tenda Mirim, nos tempos do CCT Benjamin Figueiredo, médium do Caboclo Mirim e Pai Roberto. Os meninos cresceram nesse terreiro de umbanda, onde desenvolveram sua

mediunidade. Quando o sr. Benjamin faleceu, a tenda seguiu independente, ainda sob o comando firme da já idosa comandante. Pelo que eu soube, a espiritualidade escolheu o seu Tadeu, o irmão mais velho, para ser o sucessor de dona Zita após seu desencarne, o que aconteceu há uns treze anos. Então, seu Tadeu se tornou o comandante dessa tenda, no bairro de São Cristóvão, agora sob o comando espiritual do Caboclo Pedra Branca, o seu guia-chefe. Mas foi Thiago, o mais jovem, quem abriu primeiro a própria casa: a Tenda do Caboclo Roxo, antes ainda da sua mãe falecer...

– Foi uma dissidência? – questionou Cláudio, que completou – Imagina a mãe deles vendo os irmãos se separando?

– Acho que Pai Thiago saiu “de boa”, porque já vi fotos antigas da mãe dele lá na “minha” tenda – acrescentou Bia.

– Eu soube que eles nunca brigaram. Pai Thiago já tinha uns quarenta anos quando isso aconteceu, e ele até relutou em assumir essa responsabilidade. Foi uma decisão da espiritualidade. Parece que o próprio Caboclo Sete Flechas, da mãe deles, precisou intervir e explicar serenamente ao Pai Thiago que estava tudo bem, que era mesmo preciso ele seguir seu próprio caminho!

– Bia, lá vocês seguem uma linha doutrinária mais fora da escola de Mirim, não é? – continuou um curioso Cláudio

– Sim, mas não vejo assim tanta diferença! O que chama mais a atenção lá é nosso altar com as imagens dos santos que representam as sete linhas da Umbanda, o fato de tocarmos atabaque, ao invés do tambor, e de trabalharmos descalços. De resto, é tudo muito parecido, até nos graus e nos uniformes...

– Em São Cristóvão não temos altar porque seu Mirim ensinou que o foco dos umbandistas deve estar em Oxalá, e no exemplo do Cristo-Jesus, nosso “Médium Supremo”^[3] que...

– Mas lá vocês fazem sessão de exu, não é, Bia? – me interrompeu Cláudio.

– Adoro! É uma super energia! – Bia não escondia a empolgação – Eu bem gosto daqueles vestidos vermelhos, e todo

[3] O “Médium Supremo” é como Caboclo Mirim se refere à Jesus de Nazaré, mestre e médium que canalizou a presença do Cristo entre nós. Cristo, que simbolizado pela imagem de Jesus, é Oxalá na Umbanda.

o brilho... mas Pai Thiago é “careta” sobre isso. Diz que a Umbanda e os umbandistas não precisam de vestir entidades, porque esse visual é coisa da cabeça da gente, e que serve mais pro médium passar na frente do verdadeiro exu e pomba-gira!

– Já seu Tadeu ensina que exu é “povo trabalhador”, pois são espíritos em busca da própria evolução espiritual – registrei – Mesmo sem incorporação, estão sempre presentes junto aos caboclos e pretos-velhos nos trabalhos da tenda, em oportunidade de resgatar seus débitos do passado.

– Admiro esses dois senhores! Aprenderam com os melhores. Tem meu respeito! – confessou Cláudio.

– Os dois parecem se dar muito bem. Aqui na gira conjunta parece até que somos uma só tenda – complementou Bia.

– Acho mesmo que são grandes amigos. Ambos carregam um enorme respeito pelo sagrado, e sabem que alguns detalhes da fé dizem mais respeito aos homens que às entidades. Além dos laços de sangue, são também irmãos de fé.

– Todos somos, João! – filosofou a moça do belo sorriso.

– Vamos comer? Se der mole, não vai sobrar nada pra gente! – alertou Cláudio.



No calor da fogueira

Pode-se dizer que essa confraternização final ao ar livre também faz parte da tradição da gira no sítio. Para os que vieram de ônibus e iam voltar para o Rio ainda hoje, seria um jantar mais rapidinho. Mas para alguns de nós, os que tinham carro para viajar depois, nosso encontro ainda será prolongado até a noite de domingo! Em volta da fogueira, num grande círculo, a alegria de estar juntos era contagiante. Bia foi ficar junto com seus pais, Carlinhos estava próximo ao seu Tadeu e numa passagem rápida de vista ainda identifiquei Pai Thiago conversando com seu José, caseiro do sítio, e ali perto os irmãos da minha tenda: Frank, Gil, Cristiano, Estela, Tina, Maíra, Vanessa, Eli, Marcelo, Carlos e Luiz; além de Edvaldo (médium de um terreiro próximo, ali das vizinhanças), e outros médiuns da tenda do Pai Thiago, de que ainda não guardei o nome...

Quando eu e Cláudio sentamos para jantar com nossos pratos na mão, apareceu Dona Manuelina, esposa de seu Tadeu, trazendo um refrigerante para ele. Dona Manu, como a chamamos, está casada há quarenta anos com Tadeu. Tem uma cumplicidade invejável, que se estende ao dia-a-dia da tenda, onde ela é médium de Abaré-Guassús^[4]: o Caboclo Tupinambá e Vovó Rita, importantes referências para todos nós. A história que contam é que se conheceram através de amigos em comum, e foi o fato de ambos serem umbandistas que os aproximou. Ela era de um pequeno terreiro que funcionava

[4] Ver Anexo p. 80.

nos fundos da moradia de um pai-de-santo em Bonsucesso, bairro do Rio. Quando conheceu a filial da Tenda Mirim em São Cristóvão, descobriu que ali era seu caminho, ao lado de Tadeu. Foi o próprio Caboclo Mirim quem fez o casamento, na matriz da Tenda Mirim! Não vejo muitos casais assim hoje em dia. Eu mesmo, com trinta e seis anos na cara, até cheguei a



ficar noivo por dez anos, mas não vingou. Ainda espero encontrar minha companheira de vida, um dia.

Apesar do papo e da comidinha gostosa, não demorou muito e deu a hora do ônibus partir, no que seu Tadeu se levantou para avisar:

– Queridos irmãos, estou muito feliz com a presença de todos vocês aqui no dia de hoje, mas me avisaram que está na hora do ônibus sair. Pra quem veio nele, a hora é essa...

E, ato contínuo, se dirigiu para perto do ônibus que estava estacionado na entrada do sítio, recebendo abraços e cumprimentos no trajeto. Lá já estava também Pai Thiago, se despedindo dos seus filhos de fé. Bia se levantou e me deu um beijinho de despedida, já que ia para o ônibus também.

– Fica com a gente, Bia. Tem um lugar no carro pra ela, não é Cláudio? – pedi... Vai que cola?

– Por mim, tá tranquilo, Bia – respondeu gentilmente meu amigo.

– Vocês vão na caminhada amanhã? Eu queria mesmo ir... não vou dar trabalho, Cláudio?

– Nenhum! Vamos pegar suas coisas no ônibus?

– Eu vou, Cláudio! – prontamente me oferecendo.

Seus pais já estavam junto ao ônibus. Bia explicou que iria ficar até domingo, e se despediu deles. Desejei também um bom retorno para eles, e fui com Bia retirar do bagageiro a mochila dela. Só que não era uma mochila, eram duas!

– Que é isso tudo, menina? – me surpreendi

– Uma é pra minhas roupas, a outra são coisas pra acampamento – respondeu, já ficando meio sem graça

– Ué? Você não ia ficar, mas trouxe essa bagagem toda?

– Vai que pintasse uma carona? – confessou a danadinha.

– Mas, pra que isso tudo? Tem até barraca aqui nessa mochila de camping! Amanhã nos prometeram apenas uma caminhada... vamos conhecer a “Pedra de Xangô”! Será num bate-volta e a noite já deveremos estar de volta no sítio – expliquei.

– Eu sei disso tudo, mas trouxe assim mesmo. Sou prevenida! – e encerrou o papo levando suas mochilas pro quarto das mulheres.

Com a partida do ônibus, acabou a algazarra e ficou uma sensação de fim de festa, porque só restaram umas vinte pessoas em torno da fogueira: cerca de metade da nossa tenda, e do lado do Pai Thiago umas seis pessoas. Os demais eram visitantes de outras casas de umbanda próximas daqui. Acho que todos irão na caminhada amanhã, mas a noite está só começando...

Pai Thiago era um contador de “causos”, e foi contando uma dessas histórias mirabolantes ali na fogueira que fiquei sabendo que ele vivia há anos com outro homem! Só hoje descobri que ele era gay! E mais: pelo que eu entendi, o companheiro dele era um cara do “tipo urbano”, que detestava mato e mosquito, por isso não estava aqui conosco.

– Eu devo ser muito desligado mesmo: A gente cria um estereótipo do homossexual, e só se liga quando “dá na pista”, né? Nunca imaginei que Pai Thiago, veterinário rural bem-sucedido, e com esse vozeirão, fosse gay! – confessei baixinho ao Cláudio e à Bia.

– Faz diferença, João? – perguntou logo Bia.

– Claro que não, Bia! Só não imaginava. É diferente daqueles dois branquelos ali (apontei discretamente para o outro lado da roda). Até pelo jeito deles ficarem próximos um do outro, dá pra perceber que estão juntos...

– Ah, para! Eles são superfofos e muito sérios lá na minha tenda, tá? E vamos parando com essa de “branquelos”. Depois vou te apresentar a eles: são o Ricardo e o Wal...

– Eu acredito em você. Vi eles na gira com seus caboclos, firmes no trabalho!

Cláudio, que não perde a piada, mandou logo:

– Tu é mesmo lesado, João! Vai dizer que também não sacou que o Edvaldo é gay?

A gracinha nem merecia resposta. Médiun de um terreiro em uma cidade vizinha, fiquei sabendo que ele já tinha vindo ano passado junto ao seu pai-de-santo, que neste ano não veio, mas o liberou para participar da nossa gira assim mesmo. Edvaldo faz o tipo sedutor, e estava bem à vontade! Tanto que eu acho que ele tinha alguma bebida alcoólica escondida numa garrafinha na mochila ao lado dele. Diga-se de passa-

gem, além de parecer um pouco “alto”, estava “azarando” Vanessa, uma irmã da minha tenda.

– Eu não gosto da atitude do Edvaldo, João. Tô brincando contigo só pra chamar a atenção pro cara, porque eu acho que aqui não é lugar de “xavecar” mulher! – desabafou Cláudio, no que eu tive que concordar.

Em torno da fogueira, o assunto do instante era ancestralidade. Seu José, o caseiro do sítio, um idoso tipo caboclo, de pele grossa e rosto marcado pelos anos trabalhados sob o sol, nos contava sobre o passado daquelas terras:

– Minha bisavó nasceu e foi criada aqui na região. Quando ela era menina, sei lá... uns “cem anos atrás”, ela ainda ouvia dos mais antigos que não era difícil encontrar descendentes dos índios *puris* cuidando de suas pequenas roças aqui e ali, num tempo que era fácil ver tucano, ver pacas e até onça nessas matas! Até mesmo porque ainda havia muita mata virgem por aqui... quase não tinha sítios...

– Eu frequento a região há tanto tempo, José. Acho que nunca vi índio por aqui. Pra onde foram?

– *Tão* por aí, seu Thiago. Minha família mesmo tem índio no sangue! É tudo mestiço, mas acho que os antigos tinham vergonha disso... foram se misturando. Como índio sempre foi pobre, parecia que escondiam essas origens.

Entendi que seu José queria dizer que “índio era da roça”, ou seja, sinônimo de gente pobre e simples. Por isso, na medida em que os filhos foram para a escola ou viver na cidade, acho que deixaram essa identidade indígena no passado. Além do mais, não interessava ao invasor português preservar a história dos povos originários dessa terra, afinal, seus verdadeiros donos! Seu José continuou:

– “Cês” viram que vários nomes das coisas da região têm nome de índio? É estrada de *Ibicatu*, que significa “terra boa”; é rio *Jaguariúna*, o “rio das onças pretas”; e o morro aqui perto se chama *Ita-arandu*, que pelo que eu soube, significa “pedra da sabedoria”!

– E escravo, teve por aqui também, seu José? – perguntou Vanessa, sentada ao lado de Edvaldo.

– Eu não tava aqui pra ver, né, menina? – risada geral. E

continuou:

– Toda fazenda tinha seus negros escravos. A “bisa” sabia de umas histórias... dizia que teve negro fugido que ia viver com os índios; e índio que foi viver e trabalhar nas fazendas dos brancos, até porque quando os brancos chegaram, disseram que eram os donos das terras, *num* é?

– Isso aconteceu no Brasil todo! – acrescentou Frank, sexto grau lá da tenda.

Frank devia ser o mais velho no grupo, acho que já tinha mais de 70 anos. Militar da reserva, e viúvo, ele e a falecida esposa estiveram juntos de dona Zita na tenda em São Cristóvão desde os primeiros anos. Dono de uma cultura além da média, sempre valia a pena prestar atenção nele:

– Li uma vez sobre isso. Lembro que li uma história interessantíssima: no vale do Paraíba, em São Paulo, tem uma cidadezinha chamada Queluz. A gente passa por ela na Dutra, quando vai a Aparecida. Por ali, naquela região, quando ainda era só um povoado nos tempos do Brasil colônia, os índios foram convidados a fazer parte daquele aldeamento. Era bom ter os índios por perto, porque deixavam de ser inimigos, e ainda somavam à mão-de-obra na roça. Pros índios, viver próximos aos portugueses tinha a vantagem que não faltaria comida, e trazia alguma sensação de proteção, já que havia conflitos entre tribos, vez ou outra. Houve um cacique chamado Vultuir, que levou cerca de 80 famílias de sua gente para viver em liberdade junto dos brancos em Queluz, nessa parceria que eu falei.

– Ahh! Então esses não eram escravizados? – perguntou Pai Thiago.

– Nesse caso, não. Era melhor ganhar os índios no convencimento que na bala, né? Porque índio escravizado acabava deprimido e morria, ou fugia e era mão-de-obra perdida do mesmo jeito. Cabia aos padres esse papel fundamental, de envolver os índios nessas comunidades! Voltando ao Vultuir: após alguns anos estabelecidos no aldeamento, o cacique já era um líder regional, viajando e visitando outros aldeamentos. Após uma dessas viagens, ao voltar pra Queluz, Vultuir se surpreendeu com os negros escravizados que chegaram às fazendas para incrementar a mão-de-obra. O velho cacique